

## **UMA NOVA PRIMAVERA PARA A IGREJA**

*Marcelo Barros OSB*

Nos últimos anos, as Igrejas cristãs vivem um tempo especial de abertura espiritual e humana. Tudo começou por um profundo diálogo com a humanidade. No caso das Igrejas evangélicas e ortodoxas, reunidas no Conselho Mundial de Igrejas, a sua assembléia geral teve como tema “Faço novas todas as coisas” (Ap 21,5). No caso da Igreja Católica, como mandou o Concílio Vaticano II, ela tem procurado renovar “até costumes veneráveis e ancestrais” para adequar-se à humanidade de hoje. Todos, tanto as pessoas favoráveis a este processo, como as que não concordam, percebem a vitalidade espiritual e o empenho com que toda a Igreja, fieis e pastores, confronta sua vida com o Evangelho de Jesus Cristo e se empenha na missão de testemunhar não a si mesma, mas o Reino de Deus. Nos meios de comunicação, entre as pessoas que são para a humanidade referência de autoridade ética e promotores de solidariedade e da paz estão muitos bispos e pastores dos países pobres do mundo. Aliás, a vocação para a profecia tem sido um dos critérios fundamentais para a escolha dos bispos católicos e também para ordenar padres e pastores. Assim, a Igreja tem ganhado credibilidade e dá à humanidade uma contribuição inestimável. O próprio papa foi convidado pela ONU a falar em sua assembléia-geral como “perito em humanidade”.

Imagino que você que está lendo estas linhas não pense que eu esteja descrevendo a Igreja Católica ou outras Igrejas deste início do século XXI. Ou você pensa que tal descrição caberia mesmo à Igreja atual?

Pessoalmente, gostaria de acordar um dia e poder dizer isso da Igreja a qual pertence. Entretanto, no momento, tudo o que posso é recordar 1968, ano em que, mesmo em meio a um contexto mundial difícil e a todas as ambigüidades e dificuldades eclesiais do pós-concílio, o Conselho Mundial de Igrejas fez sua assembléia geral em Upsália na Suécia sobre “Faço novas todas as coisas” e, no mesmo ano, os bispos católicos da América Latina se reuniam em Medellín e propunham: “Que se apresente cada vez mais nítido, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo o poder temporal e corajosamente comprometida na libertação de toda a humanidade e do ser humano por inteiro” (Med. 5, 15 a).

Sem cair na armadilha de comparar duas épocas diversas, cada uma com sua realidade e seus próprios desafios, o tempo do Concílio Vaticano II e de Medellín me vem à lembrança neste momento em que, por várias fontes e de várias partes do mundo se fortalece o projeto de preparar para a Igreja um novo Concílio ecumênico. É um assunto complexo e que, nos mais diversos ambientes eclesiais, suscita uma série de questões:

- 1 – Quem teve esta idéia, como isso começou e quem atualmente está por trás disso.
- 2 – Qual o objetivo claro e o que existe atualmente de concreto.
- 3 – Quais as perspectivas e possibilidades próximas/ futuras de um novo Concílio.

Não sei se tenho as respostas mais adequadas a estas e a outras questões que possam surgir, mas quero repartir com vocês o que sei sobre isso e como me sinto envolvido neste assunto.

### ***1 – “Sonho que se sonha juntos...”***

A idéia de um novo Concílio nasceu em muitas pessoas, em momentos diferentes e em diversos lugares. Já na década de 30, o pastor Dietrich Bonhoeffer propunha um Concílio que reunisse as Igrejas cristãs a serviço da Paz. Há estudiosos que garantem: esta teria sido a idéia inicial do papa João XXIII, quando no culto ecumênico de encerramento da Semana de Orações pela Unidade dos Cristãos em 25 de janeiro de 1959, ele disse ter sido inspirado pelo Espírito de Deus para convocar um novo Concílio para a Igreja. Os cardeais da Cúria Romana e os diversos bispos compreenderam o “ecumênico” no sentido que sempre fora o comum na Igreja Católica: o de “concílio geral de todos os bispos católicos”. As Igrejas ortodoxas falam na possibilidade de um Concílio pan-ortodoxo desde os anos 70. Até hoje, não foi possível realizá-lo.

Nos últimos tempos, em ambientes do Conselho Mundial de Igrejas este sonho de um novo Concílio, desta vez, verdadeiramente ecumênico, tem retornado com frequência. Falou-se disso em 1968 na Assembléia geral de Upsália. A idéia foi retomada em 83 em Vancouver e a partir daí o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) começou a falar em “conciliariedade”, ou um processo de trabalho em comum das Igrejas em diálogo pela “paz, justiça e defesa da criação”. Isso levou o CMI à Assembléia de Basileia (1989) e ao encontro mundial de Seul (1990). Quando preparava o ano 2000, Konrad Raiser, secretário geral do CMI propôs a organização de um encontro conciliar pan-ecumênico em Jerusalém. Até aqui este encontro não foi viável.

Na 2ª Assembléia Ecumênica Européia, promovida pela Conferência das Igrejas Européias (KEK) e pelo Conselho das Conferências Episcopais Européias (CCEE), a mensagem final dizia: “Nós nos propomos a envolver os jovens, confiando-lhes a visão ecumênica para o futuro, para que se prossiga o processo conciliar sobre Justiça, Paz e salvaguarda da criação”<sup>1</sup>.

No clima do Jubileu, a assembléia geral da Confederação Latino-americana dos Religiosos (CLAR), em Caracas — 2000, lançou para o triênio 2000 – 2003 o projeto de um “Concílio da Vida Religiosa” no continente latino-americano. O Vaticano obrigou a CLAR a tirar do projeto o nome de “Concílio”. Qualquer proposta nesta direção tem sempre sido rejeitada pelos setores oficiais da Igreja Católica em Roma. Assim mesmo, em momentos diferentes e situações diversas, vários bispos católicos expressaram o desejo de um novo Concílio ecumênico. Talvez seja este um primeiro sinal de que há nisso uma inspiração do Espírito Divino.

De quem primeiro escutei este sonho de um novo Concílio foi do nosso querido mestre Dom Hélder Câmara. Onde ele se expressa mais claramente sobre isso é em uma carta de 1981, enviada a Mons. Jerônimo Podestá, seu amigo, bispo de Avellaneda, Argentina, que se casara e tinha renunciado à diocese. Aqui, transcrevo um trecho desta carta:

“Recife, 30 de outubro de 1981.

Jerônimo, meu querido irmão,

Claro que tive uma pena muito profunda ao falhar ao nosso encontro. Foi algo imprevisto e necessário. Se demorei a te responder foi para meditar melhor a resposta diante de Deus. (...)

No 7 de fevereiro de 1984, se Deus ainda me deixar na terra, estarei completando os 75 anos de idade e deverei “aposentar-me” na

---

<sup>1</sup> 2ª ASSEMBLEA ECUMENICA EUROPEA, GRAZ, 23- 29 giugno 1997, *Riconciliazione, dono di Dio e sorgente di vita nuova, Documenti finali, discorsi e messaggi*, a cura del CPPAX, ed. ANTEREM, p. 14.

arquidiocese de Olinda e Recife. Se Deus me der ainda força física e cabeça não esclerosada, depois de deixar a diocese, vou aproveitar ao máximo, tendo presente os carismas recebidos e o chamado do Senhor (...).

Tenho três sonhos principais que se complementam e que exigirão diversas tarefas, conforme os carismas recebidos:

- A) Sonho de uma autêntica integração latino-americana sem imperialismos de fora nem imperialismos de dentro.
- B) Sonho de tornar possível para o ano 2000 o Concílio Jerusalém II.
- C) Sonho de diálogo autêntico com os pobres de todos os mundos."

Na carta, Dom Hélder explica cada um destes sonhos. Mas diz claramente: "O sonho para o qual me sinto particularmente chamado é o sonho número 2. Não me preocupo com o fato de que o mais provável é eu assistir a este Concílio da casa do Pai. De lá quero ajudar a que ele se realize"<sup>2</sup>.

A quem lê rapidamente, a proposta de Dom Hélder parece contraditória porque ele fala em Concílio de Jerusalém e no meio da argumentação concede: "Pode até ser realizado em Roma". Mas, não é contradição. É que para ele o Concílio não é de Jerusalém por ser feito na cidade santa e sim por ser a continuidade e a atualização do encontro dos apóstolos, narrado no livro dos Atos dos Apóstolos, cap. 15. Por isso, ele chama de Jerusalém II. Mas para ele pouco importa o local de sua realização. O importante é que tenha a missão ecumênica de abrir a Igreja ao diferente e testemunhar que o amor de Deus está presente e atuante em todas as culturas do mundo.

Patrick Jacquemont, teólogo dominicano, explica: "Eu prefiro que o novo Concílio seja em Jerusalém do que no Vaticano. Seria uma forma de voltar às fontes históricas e cristológicas da nossa fé". Mons. Gilson, arcebispo de Sens-Auxerre, continua: "A questão número um será a da relação com as outras culturas. Deslocando o centro de gravidade da Igreja, há mais possibilidades de que este concílio seja verdadeiramente universal e não apenas o de uma universalidade ocidentalizada"<sup>3</sup>.

Dom Hélder faleceu no dia 27 de agosto de 1999, quando faltavam quatro meses para o ano 2000 e sem poder vislumbrar a realização de nenhum de seus sonhos. Mas nós somos seus herdeiros em levar adiante sua missão.

Em 1994, o papa João Paulo II finalizava sua carta encíclica *Tertio Millenio Adveniente* levantando a possibilidade de um "encontro pan-

<sup>2</sup> Cf. C. LURO, *El Mártir que no mataron, Hélder Câmara*, Fernandez de los Ríos, Madrid, Nueva Utopía, 2002, p. 100-101.

<sup>3</sup> L. GRZYBOWSKI, "Demain Vatican III?", *La Vie*, 2979, 3 octobre 2002, p. 46.

cristão” no ano 2000 em Jerusalém (TMA. 53 e 55). Pressões internas na Cúria Romana e as dificuldades de relação com outras Igrejas cristãs, muitas das quais provocadas por iniciativas e posturas anti-ecumênicas e pouco sensíveis aos outros da própria Igreja Romana, como a tensão com algumas Igrejas Orientais, o Documento preparatório ao Jubileu 2000 sobre as Indulgências e a Declaração *Dominus Jesus*, tornaram impossível a realização deste encontro.

Em 1996, o cardeal John Quinn, ex-presidente da Conferência Episcopal Americana, propôs que o papa convocasse um novo Concílio<sup>4</sup>. Esta proposta foi imediatamente aceita e assumida por alguns teólogos alemães como Hans Küng e Norbert Greinacher.

No mais recente sínodo dos bispos europeus (1999), o Cardeal Carlo Maria Martini, então arcebispo de Milão, declarou no plenário: “É necessário uma assembléia da Igreja Universal para tratar questões de especial transcendência, cuja resposta vai além da capacidade de um sínodo”<sup>5</sup>.

Em uma entrevista recente, o Cardeal Murphy-O’Connor, arcebispo de Londres, declarou: “No Consistório extraordinário de 2001, afirmei que veria o papa convocar um concílio pan-cristão, não por que o papa tenha jurisdição sobre todos os cristãos, mas porque na nossa *aldeia global*, na qual os cristãos se conhecem e estão a caminho da plena comunhão, o papa ocupa uma posição muito importante e todos se dão conta disso. Parece-me que, no tempo necessário, pode-se ter um concílio cristão que o papa poderá presidir na caridade, com um programa preparado por um organismo ecumênico, para nos ajudar a ver em que ponto estamos, o que podemos fazer e testemunhar juntos, como ver o futuro e as coisas que precisamos enfrentar juntos. Penso que um Concílio assim seria muito útil e poderia restabelecer a esperança e a confiança no caminho ecumênico. O caminho ecumênico prossegue entre altos e baixos, mas precisa de algo novo e um Concílio ecumênico pode ser muito útil”<sup>6</sup>.

Mais tarde, a mesma revista *Il Regno* entrevistou o cardeal Walter Kasper, presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, organismo do Vaticano. E concluiu a entrevista perguntando o que ele pensa da proposta de um novo Concílio ecumênico, expressa pelo cardeal Murphy-O’Connor, no recente Consistório. O cardeal Kasper respondeu:

“Creio que a proposta feita pelo cardeal Murphy O’Connor tocou muito o coração do papa. Creio que (o Concílio) é importante, mesmo se é

<sup>4</sup> J. R. QUINN, "L'Invité", *L'Actualité Religieuse au Monde*, 15/01/97, p. 39 e também revista *Confronti* 1/ 97.

<sup>5</sup> Cf. J.G.B, "Somos Iglesia reclama la 'plena participación de la mujer' y un nuevo proceso conciliar", *El País* (Madrid), lunes, 23/09/2002, p. 34.

<sup>6</sup> F. STRAZZARI, "Non tacerò, Intervista al card. Murphy-O' Connor, arcivescovo di Westminster", *Il Regno-attualità*, 6/2002 de 15/03/2002, p. 167.

necessário ter sabedoria e paciência para possibilitar sua realização. No fundo, é uma proposta que vai na mesma linha experimentada, ao menos, em parte, durante o Jubileu. Muitas iniciativas durante o Jubileu tinham o mesmo espírito ecumênico, a partir da abertura da Porta Santa em São Paulo-fora-dos-Muros até a celebração das testemunhas do século XX. Esta proposta (do Concílio) quer assumir como um tesouro estas experiências e pede uma nova aceleração do caminho<sup>7</sup>.

Declarações semelhantes apareceram na imprensa vindas do arcebispo de Lisboa e de outros bispos católicos, como Mons. Muskens, bispo de Breda nos Países Baixos, Mons. Gilson, arcebispo de Sens-Auxerre e outros<sup>8</sup>.

Em 2001, estes desejos e declarações se concretizaram em uma carta coletiva, assumida por mais de 30 bispos do mundo, a maioria constituída por latino-americanos. Esta carta é uma petição dirigida ao papa João Paulo II para que este convoque um novo Concílio Ecumênico para a Igreja Católica. Esta petição tem recebido adesões de cristãos do mundo todo. Atualmente, pelo que sei, a lista de adesões já conta com a assinatura de mais de 1.700 católicos, e mais pessoas continuam assinando este pedido.

No jornal *Corriere della Sera* de 10 de outubro de 2002, comentando os 40 anos da inauguração do Concílio Vaticano II (11/10/1962), o jornalista Alberto Mellone escreveu: "Apesar das pessoas que lamentam os tempos passados que teriam sido melhores, há na Igreja uma sede de conciliariedade. Há uma sede, em grande parte frustrada. O concílio pan-ortodoxo não decola. O Conselho Mundial de Igrejas sofre a consequência de um verdadeiro dilúvio de maldades estúpidas que algumas Igrejas fazem umas contra as outras. O Sínodo dos bispos católicos não ousa desejar uma autoridade maior que fosse mais digna do seu nome. Apesar disso tudo, a sede continua e isso é o que conta. Se até a Igreja, único espaço global de igualdade de princípios, última realidade internacional sem império, se fechar para garantir um poder absoluto e renunciar a comunhão como caminho e recurso, isso seria o sinal de um declínio, de um outono para todos. Atualmente, há em toda parte uma sede e esta sede se expressa em uma palavra: Concílio. Um Concílio que seja feito sem ingenuidade e em um amanhã não remoto. No dia 7 de outubro de 1999, durante o Sínodo dos bispos católicos, o Cardeal Martini propôs uma agenda para este encontro dentro de dez anos. Muitos falaram contra. Deste concílio falam as mesmas coisas contrárias que se diziam nos anos anteriores ao Concí-

---

<sup>7</sup> G. BRUNELLI (a cura di), "Desiderio e nostalgia di comunione, Intervista al card. Walter Kasper dopo il consistorio straordinario", *Il Regno-attualità* 14/2001, p. 451.

<sup>8</sup> Cf. L. GRZYBOWSKI, *op. cit.*, p. 46.

lio Vaticano II. (Nem o outro foi absorvido ainda, não estamos ainda em tempo, etc). Mas, o fato é que a Igreja está acumulando questões sérias demais para serem resolvidas com reticências, pesadas demais para serem dissimuladas pelo rigor doutrinal desumano, ou pelo cinismo com o qual muitos do magistério continuam simplesmente a se repetir.

Diante de certas questões éticas, há uma bulimia que sufoca as palavras do perdão e da santidade. Há uma guerra fria de bajuladores e, por outro lado, dos detratores que, tanto uns como outros, negam-se a fazer as necessárias distinções. Há uma passividade diante da realidade de abandono que acomoda sacerdotes e fiéis no último bando quando se trata de definir-se com relação à eucaristia. Há um medo de refletir sobre como organizar o poder. Essa forma de poder eclesiástico vem do mundo, no tempo em que este era ainda pequeno. É urgente atualizá-la com o critério da comunhão. Tudo isso e outros problemas não existem por causa de uma insuficiência ou falha do Vaticano II. Não são conseqüências da “crise pós-concílio”, nome dado por algumas autoridades ao seu próprio envelhecimento. Com o Concílio, a Igreja levantou o olhar e acertou os passos do seu caminho. Agora, se trata de retomar o passo e ver se o lugar em que isso pode ser feito será um processo conciliar ou não. Quando isso acontecer, se saberá medir o tempo transcorrido desde o 7 de outubro de 1999. Será, então, pouco tempo, ou terá sido tempo demais”<sup>9</sup>.

Revendando estas declarações e textos, podemos perceber que não há ainda muita clareza sobre o caráter ecumênico da iniciativa. Os bispos escrevem ao papa pedindo um Concílio “católico-romano”. O cardeal Murphy-O’Connor propôs o concílio pensando na relação com a Igreja Anglicana e o cardeal Kasper assume isso enquanto presidente do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos.

Em uma entrevista, Jon Sobrino responde: “Agrada-me muito esta proposta do novo Concílio. E me parece importante que venha da América Latina. Creio que, se a proposta viesse dos países da abundância, digamos Europa ou Estados Unidos, com todo o respeito pelas pessoas boas que lá existem, tratariam de temas importantes, mas no fundo talvez se reduzissem ao direito das pessoas na Igreja. Isso é muito importante, mas corre sempre o risco de se restringir a um contexto burguês. Diferentemente, a América Latina continua sendo um continente de pobres e oprimidos, homens e mulheres, indígenas e negros. Então, o que significa um novo Concílio, quando a proposta surge da América Latina? Em minha interpretação, um Concílio é,

---

<sup>9</sup> A. MELLONI, "Si a un nuovo concilio — Cresce una sete di discussione che oggi è in gran parte frustrata", *Corriere della Sera*, Milano, 10/10/2002.

antes de tudo, recolher um grande clamor que hoje já não tem as altissonantes vozes que tinha no tempo de Dom Hélder Câmara, Mons. Romero — embora sempre haja vozes proféticas e compaixão. Trata-se, pois, de recolher o clamor que aí está e de escutar o que nos diz, a nós, seres humanos, crentes no Deus de Jesus, no Deus da vida: o que queremos e estamos dispostos a fazer para humanizar este mundo e humanizar-nos a nós mesmos. Dessa forma entendo o mais fundamental da proposta de um novo Concílio<sup>10</sup>.

## **2 – A quantas estamos no caminho**

Em 1981, Dom Hélder encerrava a sua carta a Jerônimo Podestà dizendo: “Quando se sonha só é apenas um sonho. Quando sonhamos juntos é o começo de uma realidade<sup>11</sup>. Agora, mais de 20 anos depois, o sonho de uma nova primavera para a Igreja se torna desejo e opção de trabalho para muitos cristãos no mundo inteiro. Isso está se concretizando na idéia de um novo Concílio ecumênico e preparado por um profundo processo conciliar.

O objetivo do novo Concílio é renovar a Igreja cristã a serviço da humanidade. É como se os cristãos dissessem uns aos outros: “Vamos nos encontrar, dialogar e a partir deste encontro surgirá toda uma agenda de trabalhos em função da paz do mundo. Então, o objetivo do novo Concílio é renovar as Igrejas a serviço deste caminho da paz, justiça e defesa da criação.

Conforme uma sondagem publicada pela revista *La Vie*, em junho de 2000, de cada 10 católicos praticantes na França, nove desejam a realização de um novo Concílio. Entre os assuntos prioritários a tratar, eles opinaram: “o celibato dos padres (58%), a abertura dos ministérios para os leigos e uma plena participação das mulheres nas instâncias de decisão da Igreja (45%), a retomada de um caminho ecumênico mais concreto (43%), o diálogo inter-religioso (41%) e enfim o estatuto dos divorciados na Igreja (27%)<sup>12</sup>.

De concreto, existe a carta assinada por mais de 30 bispos católicos pedindo ao papa um novo Concílio. Mons. Noyer, bispo de Amiens, expressou o pensamento de muitos católicos quando disse: “Um Vaticano III não caminhará no mesmo sentido que o Vaticano II. Eu temo sobretudo um recuo e fechamento maior. Nós precisaríamos, talvez, de uns vinte anos...”. O jesuíta Paul Valadier ressalta: “Não esqueçam que o último concílio foi preparado longamente pelo traba-

<sup>10</sup> J. SOBRINO, "Entrevista a ADITAL, Novo Concílio Ecumênico, grito de esperança universal", *Adital*, 16/08/2002, p. 1.

<sup>11</sup> C. LURO, *op. cit.*, p. 103.

<sup>12</sup> Cf. L. GRZYBOWSKI, *op. cit.*, p. 47.

lho de alguns teólogos de renome. Hoje, sobre qual corrente intelectual poderíamos nos apoiar?”. Entretanto, ele também reconhece que há urgência de um Concílio: “Não há mais párocos nas paróquias. Recusando que os leigos exerçam ministérios reais na Igreja e não aceitando colocar em questão a lei do celibato, a cúria romana organiza a não evangelização e favorece a desertificação espiritual”.

Mons. Brunin, bispo auxiliar de Lille, pensa: “É preciso evitar respostas globais, universais e ter mais confiança nas conferências episcopais dando-lhes mais poder. É preciso desenvolver mais sínodos regionais e fazê-los de tal forma que as idéias e iniciativas circulem de um continente a outro, levando em conta as situações particulares”<sup>13</sup>.

Estes pronunciamentos visam ainda apenas a um Concílio “católico-romano”. Eles são válidos porque não haverá um Concílio pan-cristão sem que cada Igreja envolvida trabalhe verdadeiramente sua própria renovação e faça seu próprio concílio interno. Entretanto, mesmo esta etapa, deve ser pensada de forma aberta e ecumênica. Até aqui, o projeto do processo conciliar gerado no âmbito do CMI não tem deslanchado. Um dos motivos é que alguns membros do Conselho, descontentes com seu engajamento contra o racismo e a favor da libertação dos pobres, parecem ter entrevisto este tipo de encontro ou organização (uma assembléia conciliar) como uma alternativa para esvaziar o Conselho e não como instrumento para intensificar mais a unidade das Igrejas a serviço da paz. Tal dificuldade praticamente impediu que esta iniciativa conciliar se desenvolvesse mais livremente entre as Igrejas membros do Conselho.

No âmbito da Igreja Católica, realizou-se uma primeira iniciativa de um encontro constituído por grupos leigos comprometidos com uma maior abertura eclesial. De 19 a 22 de setembro de 2002, aconteceu em Leganés, perto de Madri, um “Encontro Internacional para a Renovação da Igreja Católica”. Foi promovido por vários grupos católicos e coordenado pela secretaria espanhola da Corrente *Somos Iglesia*. Contou com mais de 500 participantes, vindos de todas as partes da Espanha e outros de mais de 30 países do mundo. A maioria era constituída de leigos e leigas, mas havia também muitas religiosas, religiosos, padres e até um bispo, Dom Tomás Balduino. O tema do encontro inspirou-se no Fórum Social Mundial: “Uma outra Igreja é possível”. Foi todo organizado em painéis, mesas-redondas e discussões em grupos menores e em plenário. Caracterizou-se por grande liberdade de expressão. Ali escutou-se a experiência dos índios de Chiapas, a caminhada dos padres casados que continuam fiéis ao seu amor à Igreja, o desejo de pessoas divorciadas e homossexuais em ver reconhecido o seu direito de ser plenamente membros da Igreja Católica (Cf. em anexo, a

---

<sup>13</sup> Todos estes depoimentos constam no artigo de L. GRZYBOWSKI, *op. cit.*, p. 46.

Declaração final do Encontro de Madri). Era um encontro de diálogo e valeu como experiência de escuta recíproca. Possibilitou a pessoas que vivem longe umas das outras se reconhecerem no mesmo caminho e com a mesma busca de renovação eclesial a serviço da humanidade. No último dia, os participantes se puseram de acordo com o fato de combinar o pedido dos bispos ao papa para convocar o novo Concílio com um processo conciliar que podemos iniciar desde já com toda uma pauta de temas importantes para a Igreja e para o mundo. O importante é que o processo se inicie pelas Igrejas locais e tenha em vista o serviço eclesial ao mundo.

De fato, a Igreja Católica vive um momento forte de centralização clerical. Nos últimos vinte ou trinta anos, no mundo inteiro, várias instituições animadas por leigos foram desaparecendo ou simplesmente perdendo o seu protagonismo na Igreja. O atual papa promoveu diversos movimentos leigos de caráter tradicionalista e alguns mais clericais do que o próprio clero. Faltam, entretanto, leigos representativos e de pensamento livre, como em outras épocas eram os militantes da Ação Católica. No Brasil, por exemplo, na década de 50, Dom Hélder Câmara fundou a CNBB somente trabalhando com uma equipe de leigos. Naquele tempo, quem quisesse ler nos jornais a posição da Igreja Católica sobre tal problema ou questão atual, procurava os artigos do Dr. Alceu Amoroso Lima, ou antes de Jackson de Figueiredo. Onde, hoje, estão estes líderes leigos na Igreja? Se isso era assim em uma época anterior ao Concílio Vaticano II, como deveria ser desde que o próprio Concílio aboliu a divisão tradicional entre “Igreja discente” e “Igreja docente”? Atualmente, a impressão geral na Igreja Católica, e também em outras Igrejas, é que o debate interno é evitado e considerado “contra a fé”, como aparece na declaração de um teólogo da Opus Dei em entrevista publicada pela *Veja* (16/10/2002).

Poucos bispos no mundo continuam entusiasmados com a eclesiologia do Concílio Vaticano II sobre a identidade própria da Igreja local em comunhão com as outras Igrejas no mundo todo, formando a Igreja Universal como uma rede de comunidades.

O raro debate ocorrido em 2001 entre dois cardeais de Roma tem sido fecundo. Nós que comungamos mais com o pensamento do cardeal Walter Kasper do que com o de Ratzinger, concordamos que a Igreja Universal não é apenas a soma das dioceses, mas tão-pouco é um ser abstrato, anterior e prévio às Igrejas locais. No encontro de Madri, todos reconheciam com respeito e veneração o ministério próprio do bispo de Roma e de sua Igreja na animação da unidade das Igrejas, mas não identificavam este ministério com a burocracia da Cúria Romana e o aparelho político do Vaticano.

O Código de Direito Canônico, nos seus cânones 336 a 338, declara que só o papa pode convocar, dirigir e aprovar um Concílio. Eviden-

temente, os seus autores e legisladores sabem que a Igreja Católica reconhece em sua história 21 Concílios como Ecumênicos. Destes, só os últimos dois foram realmente convocados pelo papa. Até o 2º Concílio de Nicéia, todos foram convocados unicamente pelo Imperador<sup>14</sup>. Trento foi convocado pelo imperador Carlos V a pedido do papa Paulo III. Constança foi convocado por um grupo de bispos que via a Igreja Católica dividida entre três papas, cada um se proclamando verdadeiro bispo de Roma e dividindo a cristandade.

Atualmente, parece que a maioria dos cristãos envolvidos na renovação da Igreja pode aceitar que o papa tenha um papel preponderante na preparação e convocação de um novo Concílio, mas este deve ser verdadeiramente ecumênico (inter-denominacional) e contar com a participação de todo o povo de Deus e não só de bispos. É fundamental que seja preparado por organismos democráticos de toda a Igreja e tenha como metodologia e espiritualidade o diálogo aberto e livre.

### ***3 – Possibilidades e perspectivas***

“Por ocasião do concílio de Basileia (1431-1440), o monge e teólogo Udalrico escreveu: ‘Os males que, hoje, afligem a Igreja, a desolação, as heresias e as perversões da vida religiosa em toda a cristandade, procedem do fato da Igreja haver abandonado a celebração de concílios’. Um século depois, o teólogo e jurista Francisco de Vitória, pai do direito dos pagãos, afirmou: ‘Desde que os papas começaram a ter medo dos concílios, a Igreja está sem concílio e assim continuará para a desgraça e ruína da religião’ É possível que semelhantes reflexões estejam sendo feitas, hoje, por cardeais, bispos, teólogos, teólogas, leigos, leigas e movimentos cristãos de base que reclamam um novo concílio para responder com criatividade e imaginação aos grandes problemas do cristianismo neste começo de século”<sup>15</sup>.

As chances que temos com relação a este processo virão das bases e não das cúpulas ou de uma resposta pronta e atual do papa ao pedido dos bispos. A única chance para que o processo conciliar seja realmente representativo e possa contribuir para uma nova primavera nas Igrejas de Deus será se for verdadeiramente assumido pelas bases das Igrejas e desde logo tornar-se verdadeiramente ecumênico.

Infelizmente, nem Roma, nem as coordenações de outras Igrejas cristãs parecem, hoje, suficientemente abertas espiritualmente para buscar uma nova Palavra de Deus sobre sua missão no mundo e o seu dever de

<sup>14</sup> D. GABRIELLI, "Un grande Concilio per il Duemila?", *Confronti*, febbraio 1997, p. 13-16.

<sup>15</sup> J. J. TAMAYO-ACOSTA, "Hacia um nuevo Concilio", *Nuevo Siglo*, noviembre 2002, p. 5.

testemunhar a unidade. Elias Chacour, padre palestino da Igreja Melquita na Galiléia escreveu: “Nesta terra santa, a guerra agrava-se cada vez mais porque as religiões monoteístas fracassaram e o seu fracasso se deve ao fato de não terem sabido ser instrumentos de unidade”.

Apesar disso, em todos os setores e lugares, há grupos de base e articulações de pessoas proféticas que Dom Hélder chamava de “minorias abraâmicas”. Nem sempre estes setores mais abertos e proféticos conseguem diálogo e inserção com as comunidades de base de cada Igreja. Foi o que ocorreu com a Assembléia do Povo de Deus na América Latina (APD). Nasceu como inspiração divina nas celebrações alternativas do 5º centenário da conquista da América e contribuiu com as Igrejas oferecendo-lhes a proposta da “espiritualidade macro-ecumênica”, mas encontrou o muro de resistência e bloqueio nos setores mais oficiais. Se não conseguimos alcançar verdadeiramente as comunidades populares, mesmo os grupos proféticos ficam isolados por este sectarismo eclesiástico e acabam falando de si para si mesmos.

“De todas as maneiras, nunca se poderá reformar a Igreja através de decretos ou de discursos”, opina o teólogo Hervé Legrand, professor de Teologia no *Institut Catholique de Paris*<sup>16</sup>.

Todos parecem estar de acordo que um primeiro passo será realizar um profundo processo conciliar. Para isso, um desafio inicial será passar para as bases esta proposta e criar uma rede de comunhão com os setores mais pobres e martirizados do povo de Deus. Isso pedirá de nós uma real inserção nas Igrejas concretas, por menos maravilhosas que sejam, e a paciência ecumênica de respeitar etapas e ir fazendo o que hoje é possível para amanhã darmos um passo a mais. Neste sentido, o processo conciliar não deve constituir-se um movimento a mais, e sim inserir-se nos movimentos representativos da Igreja que nasce do povo por obra do Espírito. Mais do que “uma outra Igreja é possível”, devemos lutar por um novo modo de ser destas Igrejas que existem aí.

É fundamental, quanto antes, criar uma verdadeira rede de comunicação e articulação ecumênica, a partir das bases e de forma que se possibilite um diálogo sobre os assuntos que interessam a todo o povo de Deus.

Por falar nisso, o Espírito chama as Igrejas a partir de fora, de uma profecia que não está nos ambientes eclesiais. Os dois encontros internacionais do Fórum Social Mundial e o terceiro que agora se prepara têm sido verdadeiramente um encontro de irmãos e irmãs de toda a humanidade que desejam transformar a sociedade. O FSM está criando uma cultura de debates e de fermentação da justiça e de um novo protagonismo das bases que contagia também as Igrejas. A proposta de um novo Concílio ecumênico e do necessário processo conciliar

---

<sup>16</sup> Cf. L. GRZYNOWSKI, *op. cit.*, p. 47.

vem no sentido de propormos “caminhos de vida para a humanidade”. Se queremos ser testemunhas do Evangelho, hoje, o desafio não é fazermos uma civilização cristã. Não podemos confundir “evangelização” com qualquer processo de “eclesiastização” das estruturas do mundo. Há muitos cristãos e pastores que ainda hoje lamentam o fato da Igreja ter perdido a hegemonia ou o poder na sociedade atual. O processo conciliar aprofundará o engajamento das Igrejas na construção de um mundo mais justo e fraternal.

O teólogo italiano Giuseppe Alberico tem dito que o momento atual não é o de pensar um novo Concílio e sim de amadurecer e aplicar o Vaticano II. Muitos opinam que o Vaticano II nem foi ainda totalmente aplicado. Entretanto, 40 anos nos separam das condições culturais e sociais que tornaram possível e real um “Vaticano III”. Hoje, ele não está superado e precisa mesmo ser continuado e aprofundado. Mas, de tal forma, a partir de desafios novos e em outro contexto de Igreja que o jeito é um novo processo conciliar. Neste, o ponto de partida será, sem dúvida, retomar o Concílio Vaticano II, não somente nos seus textos e até onde ele foi na teologia e em suas declarações, mas no seu espírito mais profundo e sua abertura ao futuro. Esta releitura do Vaticano II no contexto novo deste início de século é importante e desembocará em assuntos e questões que o Concílio não podia prever. São temas e desafios absolutamente novos como informática, biotecnologia e tantos outros que dão razão aos bispos que pedem um novo Concílio. Além disso o que o torna totalmente diferente é sua natureza pan-cristã, como tem desejado o próprio papa atual e várias outras pessoas. Alguns autores afirmam que quando o papa João XXIII pensou o Vaticano II, ele sonhava com um concílio ecumênico não só no sentido de “geral” da Igreja Católica, mas interconfessional. Teve de desistir. Agora, temos esta chance e podemos viver uma verdadeira assembléia do Povo de Deus e não apenas um Concílio de bispos. Se Deus quiser, poderemos começar a prepará-lo nas bases e torná-lo possível, como dizia o padre Paul Couturier (1933), ao falar da unidade cristã: “quando, como e nas expressões que Deus quiser e determinar”.

De qualquer modo, nada impede que tenhamos uma previsão e posamos nos abrir a uma data possível. Seria fantasioso demais imaginar trabalhar durante estes dez anos uma década de movimento conciliar pela unidade e conseguirmos realizar o Concílio da unidade em 2012, quando se completarão 50 anos do Concílio Vaticano II?

Do Vaticano II, este novo Concílio retomaria a proposta de possibilitar realmente a unidade visível das Igrejas, ao menos daquelas que aceitem entrar em comunhão. Trata-se de uma unidade de espírito e missão, na diversidade das formas litúrgicas e eclesiológicas, como também respeitando a total autonomia administrativa de cada uma. Tam-

bém retomaria do Vaticano II o desafio de tornar a Igreja um efetivo serviço aos pobres, de tal modo que, cada vez mais, ela se torne verdadeiramente uma Igreja dos pobres. Todos desejam também que se recolorem os problemas e desafios dos ministérios eclesiais. Aí não se trata apenas de retomar, mas de continuar a reflexão do Vaticano II sobre os ministérios. Tudo isso este novo Concílio só poderá fazer se, desde já, o preparamos e aprofundamos em um verdadeiro processo ecumênico e intereclesial de estudos, diálogos e troca de experiências. É isso que estamos chamando de processo conciliar.

O nosso querido Dom Hélder nos prometeu em sua carta acompanhar do céu a preparação e a realização deste Concílio de Jerusalém II, como ele chamava. Que o Espírito de Deus nos renove neste caminho da profecia e da pressa amorosa em fazer cada vez mais da Igreja servidora fiel dos pobres e excluídos deste mundo. O desafio está lançado. É importante que o vivamos desde agora em nossa experiência cotidiana, em nosso modo de ser Igreja. O processo conciliar não consistirá em reuniões e encontros especiais. Ele se dará pelo diálogo e intercâmbio de experiências que se baseiam na realidade cotidiana de experimentarmos desde já este novo modo de ser Igreja, espaço de comunhão igualitária, aberta e crítica para todo ser humano.

## *Apêndice*

### **Uma outra Igreja é possível**

ENCONTRO INTERNACIONAL PARA A RENOVAÇÃO  
DA IGREJA CATÓLICA

De 19 a 22 de setembro de 2002

Universidade Carlos III, Leganés (Madri)

MANIFESTO FINAL DO ENCONTRO

domingo, 22 de setembro de 2002

### **Mensagem às comunidades**

“Sabemos que entre todos os batizados reina uma verdadeira igualdade quanto à dignidade e à ação comum dos fiéis na edificação do corpo de Cristo”. — LG 32 c, 80 — Os leigos são irmãos dos pastores, todos chamados igualmente à missão — LG 33ª ” (Concílio Vaticano II).

Queridos irmãos e irmãs,

Nós lhes escrevemos de Leganés, Madri, onde estivemos reunidos de 19 a 22 de setembro do ano 2002, em um “Encontro Internacional para a Renovação da Igreja Católica”. Somos 500 cristãos católicos, entre homens e mulheres, leigos, religiosas, religiosos e presbíteros. Pertencemos a 200 grupos e organizações de base, vindos de todas as partes da Espanha

e de 30 países do mundo. Tivemos a alegria de contar entre nós, neste encontro, com a presença fraterna e humilde de Dom Tomás Balduino, bispo presidente da Comissão Pastoral da Terra, no Brasil.

Todos nós viemos a este encontro, movidos por nossa fé e pelo desejo de ver a Igreja Universal tornar-se verdadeiramente uma rede de comunidades a serviço da humanidade, especialmente dos milhões de pessoas empobrecidas e excluídas deste mundo. Alegramo-nos de saber das experiências comunitárias da Igreja de Deus em Chiapas, México, em meio de povos indígenas, há cinco séculos explorados. Escutamos como a Igreja nasce, cada dia, pelo poder do Espírito, em meio das comunidades de camponeses e dos pobres no Brasil, Equador, Guatemala, outros países da América Latina, como na Ásia e também em cidades europeias como Bruxelas, Madri e tantas outras.

Assumimos como nossa a petição feita ao papa em favor de um novo Concílio e de um processo conciliar, participativo e co-responsável, assinada por mais de 30 bispos católicos e que está recebendo milhares de assinaturas de apoio de todo o mundo.

Nós nos sentimos movidos pelo Espírito para impulsionar este processo conciliar, no qual já estamos, como caminho de fé e solidariedade.

Propomos alguns temas que preocupam, hoje, a muitas comunidades e a uma grande parte da sociedade; questões sobre as quais é necessário abrir o debate e a reflexão serena entre todos os membros do povo de Deus. Entre estes, sublinhamos temas sociais, como a urgência de uma ação profética das Igrejas a serviço da Paz e contra o militarismo e a guerra; a ação solidária contra a fome que mata bilhões de pessoas, e pela justiça e igualdade entre todos os seres humanos, em comunhão com a natureza e comprometidos com o seu cuidado.

Acrescentamos que é urgente um diálogo entre pessoas representativas das Igrejas e da comunidade científica sobre os valores éticos da Biotecnologia para se contrapor ao uso meramente mercantilista da ciência.

Para que nossas Igrejas sejam sempre sinais do Reino de Deus, cremos importante:

- Refletir sobre a forma de ser e organizar-se como Igreja no mundo.
- Abrir plenamente as comunidades eclesiais aos pobres, aos migrantes e às pessoas moralmente marginalizadas, como divorciados e homossexuais.
- Cumprir realmente os Direitos Humanos em suas relações internas e com todos os seus membros.
- Reformular os ministérios em sua compreensão teológica e em sua forma de expressão, abrindo-os à plena participação das mulheres e retirando a obrigação do celibato para a realização do ministério presbiteral.

Estas questões só poderão ser profundamente tratadas em uma Igreja renovada à luz do Evangelho. Que este processo conciliar reviva a

primavera eclesial dos tempos do papa João XXIII que pediu para a Igreja o que hoje todos desejamos: um novo Pentecostes.

Abraçamos a todos/todas vocês na Paz de Cristo,

Seus irmãos e irmãs do Encontro Internacional de Leganés.

## **Anexo**

Nós, 500 participantes deste Encontro Internacional para a Renovação da Igreja Católica, sentimos uma indignação profética contra a política militarista, intervencionista e unilateral do governo norte-americano que, desprezando as leis e tratados internacionais, ameaça com uma invasão militar ao povo do Iraque, já tão sofrido pelas conseqüências do embargo que o oprime há mais de dez anos.

Insistimos com nossas comunidades e com todas as Igrejas cristãs a levantar sua voz em prol da paz e da justiça internacional, baseada no respeito à soberania de todos os povos.

Como disse Jesus: “Felizes os mansos porque possuirão a terra. Felizes os construtores da paz porque serão reconhecidos como filhos e filhas de Deus”, ou em outras palavras, construindo a paz, fazem a obra de Deus no mundo (Cf. Mateus 5, 5. 9).

Uma outra Igreja é possível

**Marcelo Barros OSB**, natural de Camaragibe, PE. 58 anos, prior do Mosteiro da Anunciação do Senhor (Goiás, GO). Entrou no Mosteiro de Olinda (1962) e foi ordenado padre por Dom Hélder Câmara, com quem trabalhou como secretário para assuntos ecumênicos (1967-1975). Após os estudos regulares, fez cursos de Bíblia e participou do CEBI desde a sua fundação (1979). Assessor teológico da Pastoral da Terra e das comunidades eclesiais de base, é autor de 27 livros sobre Teologia da Terra, Bíblia, Espiritualidade Ecumênica, e de três romances. Colabora com revistas teológicas no Brasil (*REB*, *Convergência* e *Revista de Liturgia*), na Itália (*Nigrizia*, *Missione Oggi* e *Adista*) e na França (*Actualité des Religions*). Suas obras mais conhecidas: *Nossos pais nos contaram*: uma introdução narrativa à Bíblia, Petrópolis: Vozes, 1983, 3ª ed.; *A Vida vira Oração*: como rezar os salmos hoje, São Paulo: Paulinas, 1984, 2ª ed.; *Teologia da Terra*, Petrópolis: Vozes, 1988, 2ª ed. (trad. em espanhol, alemão e italiano); *Celebrar o Deus da Vida*, São Paulo: Loyola, 1991; *O sonho de Deus*: a unidade nas diferenças, o diálogo entre as religiões e a Paz, Petrópolis: Vozes, 1996, 3ª ed.; *O Espírito vem pelas Águas*: a crise mundial da água e a espiritualidade ecumênica, Cebi - Rede, 2ª ed., São Paulo: Loyola - Rede, 2003. Romances: *A Secreta Magia do Caminho*, Rio de Janeiro: Record - Nova Era, 1996; *A Noite do Maracá*, Rede, 1999, 2ª ed.; *A Festa do Pastor*, Rede, 2001.

**Endereço:** Mosteiro da Anunciação do Senhor  
Caixa postal 19  
76600-000 Goiás - GO  
Email: mostecum@cultura.com.br — site: www.empaz.org